

Educação Ambiental Escolar: resiliência das crianças frente à reprovação nos anos iniciais

Educación Ambiental Académico: resiliencia de los niños frente a la reprobación en los años iniciales

School Environmental Education: children's resilience to failure in the early years

Ma. Marcia Soares da Silva¹

Ma. Eliane Lima Piske²

Dra. Narjara Mendes Garcia³

Resumo

O presente artigo trata da resiliência de crianças frente à reprovação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela superação do resultado negativo. A Educação Ambiental Escolar envolve as práticas educativas pelo processo de transformação e superação da reprovação escolar, sendo necessário mudar comportamentos para atingir a resiliência ambiental, que é o cerne do dever e do cuidado. A resiliência das crianças é um processo desenvolvido no e com o ambiente/escola e os seres humanos, ao suportar e superar as situações de risco, de tensão, de dificuldades, de pressões, dentre outros fatores apontados pelas crianças sendo, os resultados da pesquisa.

Palavras-Chave: Educação Ambiental Escolar; Reprovação; Resiliência das crianças.

Resumen

El presente artículo trata de la resiliencia en los niños frente a la reprobación em los años iniciales de enseñanza fundamental por la superación del resultado negative. La educación ambiental escolar envuelve las practicas educativas por el proceso de transdormación y superación de la reprobación escolar, siendo necesario ambiar los comportamientos para ilegar a resiliência ambiental, quees lo concerniente al deber y el cuidado. La resiliencia en los niños es un processo desarrollado en y con el ambiente/escuela y los seres humanos, al soportar y supercar las situaciones de riesgo, tension, dificultades, presiones, entre otros factores orientados hacia los niños, siendo esto el resultado de la investigación.

Palabras claves: Educación Ambiental Escolar; Reprobación; Resiliencia de los niños.

Abstract

This article deals with the children's resilience to failure in the early years of Elementary School through the overcome action of negative results. School Environmental Education involves educational practices by the process of transforming and overcoming school failure, being necessary to switch behaviors to achieve

¹ Mestra em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG). Professora da Rede Municipal de Ensino de Rio Grande. E-mail: marcia.s.furg@gmail.com.

² Mestra e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG). Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: e.nanny@hotmail.com.

³ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG). Instituto de Educação. E-mail: narjaramg@yahoo.com.br.

environmental resilience, which is the core of duty and care. Children resilience is a process developed in and with the environment/school and human beings, to withstand and to overcome risky situations, tension, difficulties, and pressures, among other factors pointed out by the children, being the results of this research.

Keywords: School Environmental Education; School failure; Children resilience.

1. Introdução

O contexto ambiental vivenciado atualmente, caracterizado pela grande degradação do meio ambiente, e crise da sociedade, fruto de fatores políticos, econômicos, históricos e sociais, exige uma necessária reflexão a respeito das práticas ecológicas e educacionais em especial, frente à reprovação escolar de crianças nos anos iniciais. O fenômeno recente da Educação Ambiental Escolar é uma resposta gerada pela crise ecológica, e vem como um instrumento de mudança social, para atingir a transformação ambiental, que precisa ser uma educação política para a modificação da sociedade em busca de sustentabilidade (GUIMARÃES, 2007; LOUREIRO; TORRES, 2014; LAYRARGUES, 2006).

A Educação Ambiental Escolar como uma prática educativa instiga a um importante questionamento: qual é o processo da resiliência das crianças frente à reprovação escolar nos anos iniciais? A escuta atenta é e deve ser o princípio essencial para a constituição de uma mobilização ecológica, dentro do ambiente escolar. Por isso, justificamos e mencionamos que, o artigo é resultante de dados obtidos por uma pesquisa de Mestrado, que foi realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG).

Considerar o processo de reprovação e aprovação escolar nos primeiros anos da educação básica, colocando as crianças como protagonistas desse processo de investigação foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa onde, a resiliência foi uma categoria central na pesquisa, resultando assim, a resiliência como uma questão presente na vida das crianças que obtiveram resultado negativo na escola conseqüentemente a superação.

Diante do atual momento educativo que vivenciamos no Brasil, tempos de incertezas que nos choca e parece desfazer tudo o que vínhamos construindo, como: a democracia, a aprovação escolar, o respeito e o olhar ecológico pela e com a vida no ambiente escolar e, se faz necessário e urgente construir um movimento sobre a Educação Ambiental Escolar. Dentro deste contexto, é importante ressaltar que o educador ambiental crítico, que esteja aberto a escutar os educandos, neste caso, as crianças e compreender sua percepção da realidade, estará preparado para desenvolver uma prática em Educação Ambiental que promova a reflexão sobre diversas problemáticas. Sendo assim, a esperança de lutar por

práticas educativas em prol de (re)significar a vida no e com o mundo é fundante e necessária à resiliência ambiental com as crianças.

2. Base teórica e metodológica

A Resiliência é um processo desenvolvido pelo ser humano, de acordo com o ambiente, para suportar e superar situações de risco, tensão, dificuldade, pressão, dentre outros ao buscar o bem-estar físico e mental. Conforme Yunes (2003), resiliência é relacionada a processos que explicam a superação de crises e adversidades de indivíduos e/ou grupos. Em princípio, o termo resiliência tem origem na física, referindo-se a capacidade de um material de concentrar energia, sem ter nenhuma modificação e/ou mudança permanente (YUNES; SZYMANSKI, 2001; TAVARES, 2001; YUNES, 2003). Este fenômeno vem sendo estudado há pouco tempo, cerca de trinta anos na Psicologia e menos tempo na área da educação (YUNES; SZYMANSKI, 2001; TAVARES, 2001; YUNES, 2003). Aqui, a resiliência será pensada como um processo de superação na forma pela qual as crianças lidam com a reprovação escolar.

A resiliência pode ser compreendida como um processo que cada criança apresenta a partir do ambiente, ao conviver, superar obstáculos e/ou solucionar problemas. Quando uma situação negativa surge e as crianças conseguem pensar em possibilidades para ultrapassar tal situação, conseguem eliminar assim os fatores de risco. Assim, é necessário trazer à tona a contribuição de Moraes; Koller aos estudos:

A partir da definição de resiliência como uma capacidade humana de superar adversidades, resultante da interação permanente e do jogo de forças entre os fatores de risco e proteção [...] torna-se bastante coerente entender o desenvolvimento humano como resultando da interação das características constitucionais da pessoa e do ambiente no qual está. (MORAIS; KOLLER, 2004, p. 101-102).

Podemos entender que, as bases da resiliência com as crianças não são fixas e determinantes, tanto podem alterar e modificar de acordo com as circunstâncias como perante os condicionantes socioambientais (KOLLER, 2004). Os fatores que envolvem essas características humanas, culturais e biológicas indicam que lidamos com situações de crise e com sua superação, constantemente. Claro que, não define e tão pouco significa que os sujeitos saiam ilesos das situações adversas, nem que todos tenham um bom grau de superação, em algumas pessoas, pode ocorrer uma transposição mais tardia e, em alguns casos, necessitam de outros artifícios que lhes auxiliem a encontrar características para o bem-estar físico, social e cultural, pois: “desta forma, todos os processos psicossociais que

subjazem o desenvolvimento saudável podem envolver-se na resiliência.” (POLETTI; KOLLER, 2006, p. 24).

Reconhecer o olhar e as perspectivas ecológicas das crianças sobre a escola, tendo como base a Abordagem Bioecológica do desenvolvimento humano e a Educação Ambiental Crítica, significa perceber que os espaços e os sujeitos não são neutros. Esses sujeitos acabam interferindo nos espaços, transformando-os e sendo transformados a cada ação que praticam. Buscamos entender como as crianças conseguem superar as adversidades, em especial quando se trata da reprovação escolar. Sendo assim, buscamos identificar a resiliência a partir das características pessoais e ambientais ao levar em consideração a interação nos, dose com os ambientes (ALBUQUERQUE, GARCIA; YUNES, 2003/2007).

Vindo ao encontro do pensamento de Reigota (1994), a escola é um dos locais onde a Educação Ambiental deve ser pensada e trabalhada elencada as questões que interferem nas realidades. Estas questões estão presentes na escola e não podem ser negligenciadas, precisam ser trazidas para o diálogo com e entre as crianças, para que todos possam repensar os condicionantes, entendendo que os fatores externos também influenciam a linguagem criativa: “a escola é um dos locais privilegiados para a realização da Educação Ambiental, desde que dê oportunidade à criatividade”. (REIGOTA, 1994, p. 24).

Já que a criatividade é fator essencial como pensar a avaliação nessa perspectiva, será possível avaliar levando em conta a criatividade das crianças? A reprovação escolar de uma criança é considerada um fator negativo em e para o seu desenvolvimento, sendo influenciados por diversos fatores, como: sentimento de incapacidade, inferioridade, decepção e/ou decepção familiar, dentre outros. Chegar ao fim do primeiro ciclo, no 3º Ano, por exemplo, e se deparar com um resultado insuficiente é preocupante. Ainda assim, ressalta-se que lidar com esta situação negativa não pode ser visto como um risco *a priori*, mas é um processo necessário para o desenvolvimento. (KOLLER, 2004). Chegou o momento de apresentar e dialogar com a pesquisa, por ora apresentamos a metodologia.

O estudo teve como base teórica e metodológica a Bioecologia do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 1996; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998), paralelamente com e pela Inserção Ecológica (CECCONELLO; KOLLER, 2004) no ambiente escolar. O método utilizado desde os primeiros contatos com as crianças a serem investigadas foi com a intenção de que as pesquisadoras possam estabelecer uma relação proximal com as crianças e o contexto de pesquisa. A metodologia de intervenção ecológica foi realizada com atividades lúdicas com as crianças que, é uma das formas mais coerentes das coletas de dados, pois assim, elas conseguem se expressar naturalmente.

A Inserção Ecológica no ambiente escolar, as observações e anotações para a escuta das crianças foram fundamentais para a realização da pesquisa. As interações foram gravadas e transcritas na íntegra e os dados analisados qualitativamente seguindo, os passos da *Grounded Theory* Yunes; Szymanski (2005). A *Grounded Theory* é um ponto metodológico de análise dos dados onde, é uma interação com os dados ao favorecer uma imersão nas informações, como explicitam Yunes; Szymanski:

A Grounded-Theory é um método de análise de dados particularmente sensível a contextos, e que permite a compreensão do sentido de determinadas situações [...]. A Grounded-Theory é definida como teoria indutivamente derivada do estudo do fenômeno que ela representa. Dessa forma, a teoria é descoberta, desenvolvida e verificada mediante a coleta e análise de dados referentes ao fenômeno propriamente dito (STRAUSS; CORBIN,1990). Sendo assim, os conceitos teóricos emergem dos dados e não são impostos por eles. A proposta dessa forma de análise é construir uma teoria confiável que seja capaz de iluminar a área de estudo. Os procedimentos da Grounded-Theory foram elaborados de maneira que se façam cumprir os rigores dos critérios do método científico, e, portanto, devem ser seguidos passo a passo. (YUNES; SZYMASNKI, 2005, p. 124).

Quando o pesquisador se utiliza da *Grounded-Theory* tem expectativa de organizar um grande número de dados qualitativos que, neste caso, serão obtidos a partir das falas dos professores e divididos em categorias e subcategorias. A importância dos procedimentos desta forma de análise permite uma certa desmistificação dos pensamentos teóricos e hipóteses anteriormente elaborados para a realização do estudo.

A escolha por realizar o estudo com as crianças sobre a reprovação escolar surgiu pela inquietação em compreender a importância de escutar o que elas pensam a respeito, ainda mais que, a educação na qual acreditamos é baseada no diálogo, na valorização da opinião, no escutar e no conhecer os saberes ambientais das crianças que ao enfrentarem e/ou superarem as adversidades são capazes de superar seus medos, inseguranças e dilemas. Portanto, foi necessário construir uma pesquisa em que fosse captada a voz das crianças, o que é diferente de ter como protagonista os adultos decidindo por elas. As crianças podem e devem se envolver em uma pesquisa, como seres que tem sua leitura de mundo própria.

Vale mencionar que, as crianças foram convidadas a participar da pesquisa tendo que, aceitar para após enviar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos responsáveis. As crianças autorizaram através, de desenhos e os responsáveis ao enviarem os TCLE preenchidos, confirmando que estavam cientes quanto a realização da pesquisa com as crianças. Participaram da pesquisa 23 crianças, na faixa etária de 9 até 12 anos matriculadas numa turma de 3º Ano de uma escola pública periférica no município de Rio Grande/RS. As

crianças foram identificadas por letras aleatórias do alfabeto, garantindo assim o anonimato e preservando a identidade das crianças.

A compreensão da relação Educação Ambiental Escolar e a reprovação foram fundamentais para o desenvolvimento de uma iniciativa que introduza de fato a Educação Ambiental no sistema educacional como transformadora das relações de exclusão e dominação, lembrando que as questões ambientais quando não problematizadas viram perspectivas bancárias, conforme (FREIRE, 1996). A Educação Ambiental Escolar precisa ser uma busca inerente pelo diálogo e por ações coletivas entre a comunidade, em busca da resolução dos problemas que atingem o ambiente escolar, no caso, a reprovação escolar e a resiliência das crianças frente a esse acontecimento, a reprovação.

Muitas vezes, a ansiedade dos familiares devido ao desejo em colocar a criança precocemente no ensino fundamental pode gerar um aprisionamento das infâncias já que, prioriza a homogeneidade das infâncias ali presentes. De acordo com Barbosa e Delgado (2012), não é à toa que ocorreu um elevado crescimento para o uso de medicamentos nas infâncias, tais como: antidepressivos e ansiolíticos. Outro fator que pode influenciar o desenvolvimento da criança são os eventos que ocorrem nos ambientes em que elas vivenciam suas experiências, ou seja, “[...] a habilidade da criança de aprender a ler nas séries iniciais pode depender tanto de como ela é ensinada como da existência e natureza dos laços entre a escola e a família” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 87). Assim, o envolvimento entre os ambientes de convívio das crianças, quando se apresentam como fatores de risco ao desenvolvimento podem contribuir para o aparecimento da resiliência.

Lembrando que, Bronfenbrenner (1974) apresenta as políticas públicas como importantes para o bem-estar e os desenvolvimentos das crianças, aqui faremos a reflexão a respeito desta política pública como positiva e/ou negativa para o desenvolvimento da criança, conforme poderão acompanhar pelos resultados da pesquisa principalmente, pelas percepções das crianças já que, foram elas que nos apresentaram argumentos para que os dados sejam apresentados.

3. Resultados e discussões

O conhecimento sobre as relações que estão sendo estabelecidas dentro das escolas é fundamental para se compreender o desenvolvimento de uma iniciativa que verifica de fato se a Educação Ambiental Escolar é transformadora das relações de exclusão e dominação e se,

está realmente presente na prática docente e como lidam, no caso da reprovação escolar. Como destaca Loureiro:

Concretamente, cabe aos educadores ambientais entender a profundidade da crise em que estamos inseridos, considerando suas causas estruturais, para trabalhar com os sujeitos do processo educativo de modo que a própria compreensão do atual momento seja ampliada e a informação seja contextualizada, servindo como parâmetro para a construção de alternativas teóricas e práticas (LOUREIRO, 2006, p. 52).

A Educação Ambiental crítica, quando se torna presente na escola vem como uma perspectiva de educação que mobiliza a escuta e o diálogo entre os sujeitos, promovendo espaços para debates reflexivos sobre o papel da educação ambiental na formação de professores e no contexto educacional, indo além das percepções existentes na Pedagogia tradicional, uma educação conservadora. Assim, Loureiro (2006) explicita a respeito da educação conservadora: “Estabelecer a Educação Ambiental sob premissas “bancárias” é favorecer uma educação tecnocrática e conservadora, que serve para ajustar condutas e adaptar aqueles que estão “fora da norma” a aceitarem a sociedade tal como ela é (LOUREIRO, 2006, p. 26-27). A Educação Ambiental Escolar precisa ser uma atuação e uma reflexão da prática, através da interação entre os sujeitos escolares: docentes, educandos e a comunidade escolar.

Nessa pesquisa, elas tomaram posição sobre situações que ocorrem ou estão ocorrendo no contexto escolar, a sala de aula foi o local do ouvir sendo que, as crianças não estão acostumadas a falar e serem escutadas pela possibilidade de expressar o que pensam já que são os adultos que organizam os espaços: “[...] percebemos que, ao definir uma dada organização do espaço, os adultos comunicam significados sobre o que fazer, como fazer, quando fazer, onde fazer e com quem fazer. [...]”. (FRANCISCO; ROCHA, 2008, p. 310-311).

É importante começar com o olhar das crianças trazem sobre a instituição escola, que ela **não é o único** ambiente educativo, citando outros contextos como a família, comunidade, religião, espaço da rua. Essas crianças compreendem que o processo de aprendizagem escolar deve ser complementar ao processo que ocorre nos outros contextos de interação e convívio.

- a gente aprende com os nossos pais, na rua, com tudo que a gente olha, a gente tá aprendendo. A gente aprende toda a vida, a gente tá sempre aprendendo. Pela rua, quando vejo algumas pessoas ajudando as outras, na igreja, com as crianças de outra escola também e etc. (E). - A gente aprende em casa, na igreja e com outras pessoas da família também. (A). - Ah, tem vezes que minha mãe passa um monte de coisas pra “mim” responder, minha mãe, minha irmã, o pai, outros ensinamentos. (Y).

Falamos tanto na atuação de crianças críticas para transformar o mundo, porém, percebemos com esta pesquisa que devemos apresentar situações para as crianças possam repensar problemáticas e juntas, consigam tomar decisões desde a primeira infância, conforme podemos acompanhar pelas expressões das crianças ao questionarem os métodos utilizados para avaliar o desempenho escolar onde, não são avaliados os conhecimentos ao utilizar as tecnologias digitais mas, pela prova sim, conforme podemos acompanhar pelas palavras das crianças: “Seria bom também ter computadores, na sala de aula e não uma vez por semana, pra gente pesquisar sobre as coisas pra gente entender melhor (criança E). Já a outra criança fala: “prova é chato e é bom só pra ganhar nota (criança E).

Então, destacamos duas falas de um mesmo menino, no qual faz uma crítica aos métodos de ensino e as avaliações que são realizadas nas escolas. As falas deixam claro que, muitas vezes, a culpa da reprovação de uma criança não é apenas dela e, sim, de um conjunto de fatores que podem acabar contribuindo negativamente para este acontecimento. De acordo com as crianças, uma criança não reprova porque é má ou porque não estuda, ela pode acabar reprovando de ano por outros fatores também como: emocionais, morte, brigas dos pais, desemprego, dentre outros citados por eles, como: “Alguém que morre, ou perde o emprego, não tem dinheiro pra comprar comida pra dentro de casa e só (criança E). “Eu acho que pai e mãe brigando em casa, ou... acho que é isso, pai e mãe brigando em casa, ou alguém morreu, essas coisa do tipo” (criança D).

Percebemos com as falas que as crianças têm um olhar ecológico, baseado na compreensão sensível sobre as diferentes situações comportamentais de outros alunos. Elas relataram que não devemos punir as crianças que apresentam um comportamento agitado e/ou agressivo, mas, pensam que devemos conversar para entender o problema que pode estar causando aquele comportamento. Assim, as crianças através das brincadeiras ou não, expõem suas contribuições significativas que, muitas vezes não percebidas como importantes pelos adultos.

[...] à medida que as crianças desenvolvem-se como indivíduos, elas se apropriam coletiva e criativamente, usam e introduzem aos brinquedos significados, tanto na família quanto em suas culturas de pares. Essas conclusões estão em consonância com a noção de reprodução interpretativa na qual se demonstra a importância das ações coletivas para as crianças e como essas ações contribuem para as produções de cultura de pares inovadoras, bem como para a reprodução e alteração da sociedade adulta. [...]. (CORSARO, 2011, p. 145).

Olhar ecologicamente para o que as crianças estão dizendo significa valorizar o

desenvolvimento humano e dar ênfase a constituição de crianças críticas e autônomas. O estudo aponta que na instituição ainda é frágil o currículo construído com as crianças onde, percebemos um espaço feito pelos adultos e não pelas crianças.

As crianças desejam a aprovação, criam grandes expectativas a respeito da aprovação sempre com a esperança de aprovar até mesmo, nos últimos dias de aula quando os docentes já não mais acreditam na aprovação delas e os próprios familiares. Isso fica claro, quando voltamos o olhar para suas expressões, ao desenhar e conversar com as pesquisadoras a criança contou: “eu desenhei que eu queria passar de ano. Perguntei a ela se esse desejo tinha acontecido e ela continuou: Passei direto. Então, como se sentiria se tivesse passado com exame e ela disse: eu ficaria com medo de rodar de ano. Se eu tivesse que fazer exame é porque não sei alguma matéria (criança L).

Merece destaque, quando outra criança desenhou e relatou uma expectativa parecida com a da colega anterior, o desejo de aprovar no final do ano: “Eu passando de ano e os meus amigos juntos”. Perguntei se ele tinha aprovado e ele respondeu: “passei, mas fiquei em recuperação em Matemática, eu não gostei. Eu tinha que ir pro colégio depois da festinha” (criança H). Podemos perceber que, há uma grande expectativa dele ser aprovado com seus amigos, mas, também notamos um sentimento ruim, talvez pela insegurança, de ter sido aprovado somente depois de realizar o exame de matemática.

Neste momento, iremos percorrer pelos apontamentos das crianças sobre as expectativas para o próximo ano letivo, segundo eles: “meu maior desejo é que eu passe, seja um aluno bom e que tenha vários amigos, pra no futuro eu ter outros também” (criança E). A criança A, Y e D deram a mesma resposta: “Passar! Passar! Com certeza, passar”! Deixaram evidente que, a pior situação que poderia ocorrer era a reprovação sendo, receio de todos. Conforme podemos acompanhar com algumas respostas: “que eu rode, perca os meus amigos e tenha que fazer tudo de novo” (criança E). “Rodar”! (criança A). “De eu rodar” (criança D). “Acho que rodar de ano (criança Y).

É importante ressaltar também a fala das crianças que conheceram a reprovação escolar e como conseguiram superar esse resultado negativo: “Muito mal. No outro ano, quando eu passei: e ai, vó, passei? E a minha irmã disse não, rodasse! E ai elas riram, eu tinha passado. Eu ‘tava’ com medo que minha vó me batesse” (criança A). Já a outra criança disse: “Muito bem. Eu me sentia feliz quando tirava uma nota boa na prova e me sentia triste quando eu tirava uma nota ruim. Eu me senti muito feliz, porque minha mãe chegou e eu perguntei como eu fui, ai ela fez assim (expressão de descontentamento) e ai ela disse, passasse! “Ai fiquei muito feliz!” (criança E).

As crianças também reconhecem como positivo o apoio da família no processo de escolarização e pensam que uma criança alcança mais facilmente o sucesso, quando sua família se envolve e auxilia no processo de escolarização. As crianças apontam que a escola e a família precisam rever as estratégias de ensinar e que estas ações podem ter impacto no processo de aprendizagem delas. Alguns mencionam também que o não envolvimento dos pais ou problemas no ambiente familiar podem ser fatores condicionantes para a reprovação da criança. “Em casa... Uhnnn... É, em casa assim, com as pessoas, pai, mãe, irmão... Porque eu acho que faz parte assim, eles nos ensinarem o que tem que fazer. Como eles são mais velhos, eles sabem mais as coisas.” (D).

Percebemos como os resultados podem provocar sentimentos de ansiedade e insegurança nas crianças. Quando uma criança reprova e sofre uma pressão da família, por exemplo, pode se sentir incapaz, se frustrando. A mesma criança, se encorajada a seguir, sem ser culpada pelo resultado negativo, pode superar a reprovação e alcançar o resultado positivo. A aprovação da criança “A” no ano seguinte aponta para a resiliência, como uma superação da reprovação escolar. A resiliência é um processo desenvolvido no ser humano de acordo com o ambiente para suportar e superar situações ruins, apontando então, que a resiliência ocorre quando os sistemas de proteção agem em distintos pontos do desenvolvimento do indivíduo e em diferentes contextos (YUNES; SZYMANSKI, 2001).

É importante salientar que a capacidade humana e seu desenvolvimento dependem significativamente do contexto social e institucional e da atividade individual (BRONFENBRENNER, 1996). As experiências dos sujeitos, neste caso as crianças mostram a profunda capacidade de resistir, de questionar e criar situações para superar os problemas e se desenvolver. Neste caso, cito como exemplo a reprovação, que foi um exemplo claro, a superação de uma situação que causou estresse, em busca do resultado positivo, tão esperado pelas crianças que participaram da pesquisa quando, bem antes de conseguirem a aprovação no ano seguinte já mostraram que, poderiam e iriam fazer o melhor para passar.

A questão da reprovação como um momento de estresse e tristeza para as crianças, as famílias e os colegas, mas, juntos podem fazer a diferença. A ansiedade dos familiares, o desejo de ver a criança aprovando com notas altas pode, se tornar um fator de risco, porque essa situação exige atenção e concentração, requisitos necessários e obrigatórios para a criança alcançar a aprovação, porém, muitas crianças não apresentam estes requisitos impostos e acabam reprovando de ano, sentindo-se incapazes.

Tal situação de superação de adversidades nas infâncias é fator que contribui para o desenvolvimento infantil. Assim, podemos entender o desenvolvimento da criança a partir das

interações com os pares e com o ambiente onde, vai e é além de vencer barreiras. Devemos acreditar na potencialidade de cada ser humano, assim como oportunizar ambientes saudáveis, como fundamentais para buscar a felicidade e o bem-estar dos envolvidos onde, a reprovação escolar não seja o apontamento pelos erros, mas algo que as crianças compreendam de fato e assim, possam pensar e mobilizar estratégias para a superação.

Ao invés de “rotular” as crianças como incapazes devemos ter um olhar ecológico (BRONFENBRENNER, 1996) para os diversos fatores micro, meso, exo e macrosistêmicos (novas lei que alteram o ensino, as dificuldades de aprendizagem, os conflitos na relação com a professora regente, a mudança de direção da escola, o desemprego de algum membro da família, a negligência da família, a perda de algum ente querido, a violência, etc.) que podem ter influenciado para tal situação. Ainda, é pertinente pensar, segundo Koller (2004), a criança nesta faixa etária está em um processo de transição entre a escola e a família, vivenciando diariamente estes dois microsistemas, além de outros em que possam decorrer e/ou estar: “o movimento de saída de casa para a escola e da escola para a casa implica a mudanças de papéis sociais, de filho (a), irmão (a), para aluno, colega e vice-versa” (LISBOA; KOLLER, 2004, p. 343).

A aprovação de uma criança após ter reprovado no ano anterior, significa que ela superou aquela situação adversa. Dentro deste contexto, é importante explicitar que podem surgir distintos mecanismos positivos que podem contribuir para a obtenção do resultado eminente no final do ano. Podemos apontar alguns, sempre levando em consideração a maneira pela qual a criança em desenvolvimento percebe e vivencia tal situação. Por exemplo: a mudança de professor, de outros colegas, as aulas reforço, a participação da família no ambiente escolar dentre outros tantos, que podem auxiliar na superação da problemática. Neste sentido, fica evidente que a inserção ecológica coopera neste sentido, para que o pesquisador observe na escola: os papéis, as relações hierárquicas, as interações entre os sujeitos, a cultura da instituição, dentre outros.

As crianças mostraram pelas falas e por outras evidências que assim como elas, o docente também deve estar preparado para assumir uma postura ambiental e um entendimento que é indispensável ao proporcionar às crianças os meios pelos quais, elas possam se envolver para superar e juntas, consigam pensar estratégias para resolver, pois:

Conversar sobre a EA é, portanto, compreender que ela faz parte de um sistema educativo muito complexo, em que a política sobre a formação de professor@s recebe atenção mínima. As leis são fracas por parte do Governo, mas as estruturas acadêmicas também se corrompem na busca da boa avaliação conforme a “produtividade”, que em momento algum privilegia as inúmeras vozes dos

profissionais atuantes no campo do ensino fundamental e médio (SATO, 2004, p. 14).

Evidentemente, não podemos perder a esperança no ser criança e em sua capacidade de resiliência ao reconstruir diante as situações desconfortáveis o que vem ao encontro do pensamento do Bronfenbrenner (2011) precisamos tornar o ser humano mais humano, o que também é mencionado por Gadotti (1991), o educador crítico ao educar tornar-se pessoa e o outro também. Essa esperança pela transformação se fortaleceu com as falas das crianças e pelo olhar ecológico delas sobre o processo de aprendizagem. Diante dos problemas ambientais relatados no ambiente escolar é urgente mobilizar uma atuação coletiva para que as problemáticas sejam resolvidas, podemos citar: os relatos de crianças e adolescentes que dizem conviver naturalmente com drogas e armas; com as situações de violências que envolvem a comunidade e pelo qual, parece tirar o sossego, o bem estar das famílias, dos docentes, das crianças e dos funcionários da escola já que, diariamente acontecem roubos na saída da escola além, de brigas entre gangues, tiroteios e etc. Com esse apontamento, percebemos que a resiliência das crianças vai além da reprovação escolar. Já que, precisa ocorrer uma desnaturalização das situações de violências e drogadição para haver uma desacomodação em busca da resolução onde, possamos viver e estar realmente com o outro numa resiliência ambiental para e com a super/ação.

4. Conclusão

A Educação Ambiental Escolar é uma ferramenta para acabar com as relações de exploração e exclusão onde, o ser humano precisa enxergar e aceitar o outro, como um ser único, com suas características próprias, que devem ser respeitadas em suas peculiaridades mas, não podemos esquecer: juntos somos um coletivo resiliente tão importante para a resiliência das, nas e com as crianças já que, a reprovação escolar envolve bem mais que a vida de uma criança sendo e estando os condicionantes políticos, ambientais, culturais, emocionais e biológicos implicados pela e com a super/ação mesmo diante de tantas incertezas que assolam a sociedade mas, não nos amedrontamos diante dos acontecimentos políticos, educacionais, históricos e ambientais. Jamais vamos perder a esperança no ser humano e em sua capacidade de resiliência assim como, acreditamos e lutamos pela educação pública e de qualidade onde, a reprovação não seja adquirida por pejorativos da falta, como carência de habilidades das crianças e a realidade é levada em conta no momento de avaliar?

Conseguimos sentir uma “faísca” desse olhar crítico sobre os condicionantes para o processo de aprendizagem em algumas falas das crianças e que pode ser explorado pelo docente na abordagem da Educação Ambiental. Algumas crianças conseguiram ir além da reprodução de padrões e mostraram o reconhecimento das adversidades e condicionantes contextuais no processo de aprendizagem. Elas demonstraram através de suas respostas que desejam uma escola que prepare seus educandos para a sociedade, cada dia mais cheia de desafios.

O olhar ecológico das crianças frente à reprovação escolar nos mostrou que a realidade não está presente nas avaliações já que, consideram a aptidão das habilidades e não o real conhecimento das crianças. É importante ressaltar, as crianças foram protagonistas na pesquisa, apresentaram sensibilidade aos saberes ambientais, um olhar mais compreensivo diante às distintas situações que ocorreram em suas vidas e ao seu redor sendo, resilientes. O diálogo firmado com as crianças foi uma possibilidade para enfrentar as situações desconfortáveis pela e com a superação que foi e é à base da resiliência das crianças sendo: a cooperação, o diálogo, a participação, o envolvimento e a atuação fundantes as Educações Ambientais Escolares.

Referências

- BARBOSA, Maria Carmen; DELGADO, Ana Cristina Coll. *A infância no ensino fundamental de 9 anos*. Porto Alegre: Penso, 2012.
- BRASIL. Congresso Nacional. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. 9ª. Ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/Eli/Downloads/ldb_10ed.pdf. Acesso: 07 jun. 2018
- BRONFENBRENNER, Uri. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRONFENBRENNER, Urie. *Bioecologia do Desenvolvimento Humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CECCONELLO, Alessandra Marques. *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2003. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2641>. Acesso: 07 jun. 2018.
- CORSARO, Willian. *A Sociologia da infância*. 2º Ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FRANCISCO, Zenilda Ferreira de; ROCHA, Eloísa AciresCandal. “Zé, tá pertinho de ir pro parque?” O tempo e o espaço do parque em uma instituição de Educação Infantil. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira. *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: CORTEZ, 2008. P. 307-311.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. 4º Ed. São Paulo: Editora Ártica, 1991.

GUIMARÃES, Mauro. *A formação de educadores ambientais*. São Paulo: Papirus, 2004. 3. Legislação referente à Educação Ambiental.

KOLLER, Sílvia Helena. *Ecologia do Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LAYRARGUES, Philippe. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. et al. *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006.

LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo; KOLLER, Sílvia Helena. O Microsistema Escolar e os Processos Proximais: Exemplos de Investigações Científicas e Intervenções Práticas. In: KOLLER, Sílvia Helena. *Ecologia do Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. P. 337-380.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; FRANCO, Jussara Botelho. Aspectos teóricos e metodológicos do círculo de cultura: uma possibilidade pedagógica e dialógica em Educação Ambiental. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo & TORRES, Jussara Botelho. *Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire*. 1º Ed. São Paulo: Cortez, 2014. P. 155-180.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo, 2º Ed. Cortez, 2006.

MORAIS, Nildo; KOLLER, Sílvia Helena. Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano, Psicologia Positiva e Resiliência: Ênfase na Saúde. In: KOLLER, S. H. *Ecologia do Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. P. 91-119.

POLETTO, Michele; KOLLER, Sílvia Helena. Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In: DELL’AGLIO, D.; KOLLER, S. H.; YUNES, M. A. M. *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção*. 1ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. P. 19-44.

REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo, Editora Brasiliense S.A. 1994.

SATO, Michéle. *Educação ambiental*. São Carlos/SP: Editora Rima, 2004.

TAVARES, José. *Resiliência e Educação*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

TORRES, Juliana Rezendo; FERRARI, Nadir; MAESTRELLI, Sylvia Regina Pedrosa. Educação ambiental crítico-transformadora no contexto escolar: teoria e prática freireana. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo & TORRES, Juliana Rezende. *Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 13-80.

YUNES, Maria Angela Mattar. Psicologia Positiva e Resiliência: o foco no indivíduo e na família. Edição especial. **Psicologia em Estudo**, 2003, p. 8, 75-84. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf>. Acesso: 23 de jan. 2018.

YUNES, Maria Angela Mattar; SZYMANSKI, Heloisa. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: Tavares J, organizador. *Resiliência e educação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, p. 13-42, 2001.

YUNES, Maria Angela Mattar; SZYMASNKI, Heloisa. *Grounded-Theory* e a entrevista reflexiva: uma associação de estratégias metodológicas qualitativas para a compreensão da resiliência em famílias. In: GALIAZZI, M. C. FREITAS, J. V. *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.